



AS PESQUISA SOBRE HABITAÇÃO DE PIERSON E LEBRET E O (NÃO) LUGAR DAS FAVELAS EM SÃO PAULO NOS ANOS 1940

EIXO TEMÁTICO: 1 DISPUTAS DO/PELO PROGRESSO E DO/PELO MODERNO

CASTRO, Ana Claudia Veiga de

Doutora; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
e-mail anacvcastro@usp.br

RESUMO

Em São Paulo, desde finais do século 19, a forma de habitação dos pobres tendeu a ser o cortiço. Segundo a historiografia, a presença das favelas se daria de maneira mais relevante a partir da década de 1970. De fato, é apenas em 1973 que um primeiro Cadastro Geral de Favelas seria elaborado pela prefeitura, ainda que o imenso sucesso do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* de Carolina de Jesus, publicado em 1960, não deixasse dúvidas a respeito da presença e do interesse pelas favelas ao menos desde a década anterior. Pelos jornais, notamos sua presença na cidade desde os anos 1940, chaga social a ser enfrentada naquela que se tornava a principal metrópole latino-americana. Nessa comunicação, apresentamos dois estudos elaborados nos anos 1940 sobre a questão da habitação, o inquérito “Habitações de São Paulo: estudo comparativo”, conduzido pelo sociólogo norte-americano Donald Pierson em 1941; e a “Sondagem preliminar a um estudo sobre a habitação em São Paulo”, pesquisa piloto dirigida pelo padre Lebrecht em 1947. Em diálogo com a bibliografia que já trabalhou essas investigações, pretendemos refletir de que maneira dois estrangeiros, em trabalhos de formação de pesquisadores brasileiros, olharam para a questão da habitação, de modo a constituir um *corpus* documental para uma pesquisa sobre a história das primeiras favelas de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: São Paulo (cidade); favelas; habitação; historiografia.

ABSTRACT

In São Paulo, since the late 19th century, the form of housing for the poor tended to be tenements. According to historiography, the presence of *favelas* would become more relevant only from the 1970s onwards. In fact, it was only in 1973 that a first General Registry of Favelas would be drawn up by the city council, despite the immense success of the book *Child of darkness*, by Carolina de Jesus, published in 1960, left no doubt about the presence and interest in *favelas* at least since the previous decade. In the newspapers, we noticed its presence in the city since the 1940s, a social problem to be faced in what was becoming the main Latin American metropolis. In this communication, we present two studies carried out in the 1940s on the issue of housing, the survey "Housing in São Paulo: comparative study", conducted by the North American sociologist Donald Pierson in 1941; and the "Preliminary survey for a study on housing in São Paulo", pilot research led by Father Lebrete in 1947. In dialogue with the bibliography that has already worked on these investigations, we intend to reflect on how two foreigners, in work to train researchers Brazilians, looked at the issue of housing, in order to constitute a documentary corpus for research into the history of the first favelas in São Paulo.

KEY-WORDS: São Paulo (city); slums [*favelas*]; housing; Historiography.

RESUMEN

En São Paulo, desde finales del siglo XIX, la forma de vivienda de los pobres tendía a ser el conventillo. Según la historiografía, la presencia de las *favelas* cobraría mayor relevancia a partir de los años 1970. De hecho, no fue hasta 1973 que el ayuntamiento elaboró un primer Registro General de Favelas, a pesar del inmenso éxito del libro *Diario de la Favela* de Carolina de Jesús, publicado en 1960, no dejó dudas sobre la presencia y el interés por las favelas al menos desde la década anterior. En los periódicos notamos su presencia en la ciudad desde los años 1940, una "herida social" a afrontar en la que se estaba convirtiendo en la principal metrópolis latinoamericana. En esta comunicación presentamos dos estudios realizados en la década de 1940 sobre la cuestión de la vivienda: la encuesta "Vivienda en São Paulo: estudio comparativo", realizada por el sociólogo norteamericano Donald Pierson en 1941; y el "Encuesta preliminar para un estudio sobre la vivienda en São Paulo", investigación piloto dirigida por el Padre Lebrete en 1947. En diálogo con la bibliografía que ya trabajó en estas investigaciones, pretendemos reflexionar sobre cómo dos extranjeros, en el trabajo de formación investigadores brasileños, abordaron la cuestión de la vivienda, con el fin de constituir un corpus documental para la investigación de la historia de las primeras favelas de São Paulo.

PALABRAS CLAVE: São Paulo (ciudad); *favelas*; vivienda; historiografía.

As pesquisas sobre habitação de Pierson e Lebrete e o (não) lugar das favelas em São Paulo nos anos 1940

introdução

A forma de moradia preferencial dos pobres nas cidades, ao menos desde o final do século 19, como é sabido, havia sido os cortiços, inicialmente ocupando casas antigas em áreas centrais das cidades, subdivididas e compartilhadas por muitas famílias, e logo em novas construções de múltiplos cômodos enfileirados, especialmente construídas para abrigar famílias de trabalhadores, com instalações sanitárias comuns no fundo de um pátio único. O fenômeno não seria particular das cidades latino-americanas, mas aqui teve uma presença e uma constância que percorre todo o século 20 e chega ao século 21¹.

Entretanto, por volta da segunda metade do século 20, momento de intensificação dos índices de urbanização decorrente de violentos processos migratórios campo-cidade, em muitas das cidades da América Latina uma nova forma de moradia ganhou força nas camadas mais pobres. Em áreas de várzeas e encostas, em terrenos vazios nas margens das cidades ou espaços não urbanizados entre bairros já consolidados, em geral terras públicas, mas não só nelas, surgiram construções precárias de madeira, folhas de zinco, papelão – as favelas –, logo se tornando objeto de debates, estudos, controle, tentativas de desmonte, ao mesmo tempo que parte delas acabaram permanecendo e se consolidando como bairros, por meio da organização e da resistência de seus moradores, ainda que autoconstruídos e sem infraestrutura adequada mas incorporados à vida urbana (Hauser, 1967; Aboy, 2017).

¹ A bibliografia relativa ao tema é extensa, remetemos aqui a Hall (2002), especialmente o capítulo “A cidade da noite apavorante: reações a cidade encortificada do século XIX” (pp. 17-56) e “A cidade da permanente ralé: o cortiço resiste (1920-1987)” e para o Brasil, a Bonduki (1999). Para uma visão abrangente de cidades da América Latina, os artigos reunidos em Sambricio (2012), embora tratem da constituição de políticas de vivenda, voltam-se aos cortiços para discutir como o tema é enfrentado em cada uma das capitais latino-americanas ali focalizadas.

Hoje talvez possamos dizer que as favelas representam uma face importante das cidades latino-americanas, abrigando parte considerável de suas populações (ONU, 2012)² e produzindo uma forte cultura urbana, com expressões na música, na literatura e em outros campos das artes, mas também na política e na economia, incidindo no imaginário e na experiência social, para o bem e para o mal, na medida em que são vistas e vividas também como espaços de precariedade e violência³. No Brasil dos anos 1990, confundindo-se com o termo “periferia”, elas passariam cada vez mais a ser chamadas de “comunidades”, numa espécie de retorno à própria formação do campo da sociologia (Lopes, 2020).

Essa forma específica de moradia, alvo de políticas públicas que percorrem o binômio “remoção-urbanização” ao longo do século 20, tornaram-se também mais recentemente objeto de análises históricas, situando-se suas especificidades mas também permitindo entender similaridades e diferenças de seu surgimento no contexto latino-americano desde a década de 1940⁴.

Em São Paulo, uma presença das favelas mais relevante na cidade é localizada na década de 1970 (Taschner, 2001) – e de fato é apenas em 1973 que o primeiro Cadastro Geral de Favelas foi elaborado pela prefeitura – ainda que o sucesso alcançado uma década antes pelo livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina de Jesus, publicado em 1960,

² O relatório produzido pelo ONU-Habitat (Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos), apontava naquele ano a América Latina e o Caribe como as regiões mais urbanizadas do mundo. A população contabilizava 588 milhões de latino-americanos e representava 8,5% da mundial. Desses, cerca de 111 milhões de pessoas viveriam em favelas. (<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/08/21/segundo-a-onu-111-milhoes-de-pessoas-vivem-em-favelas-na-america-latina.htm?cmpid=copiaecola>). Acesso em fev.2024. No Brasil, o número de favelas dobrou na última década, totalizando 13.151 núcleos. São estimados 5,8 milhões de domicílios em favelas com 17,9 milhões de moradores. (<https://agenciabrasil.ebc.com.br/tags/data-favela>). Acesso em abr.2024.

³ A discussão sobre a cultura das periferias (e das favelas) se abre para muitos campos, e seria inútil buscar aqui citar referências, correndo-se o risco de ser superficial – mas remeto talvez ao fenômeno brasileiro mais importante ocorrido no Brasil, que unem na sua produção cultural as duas pontas da discussão, os Racionais MC's (Oliveira, 2018).

⁴ Já em 1959 a Cepal, junto a Unesco, promoveria um seminário sobre a urbanização na AL, e o tema das favelas apareceu através de estudos sobre Rio, Buenos Aires e Lima - indicando questões estruturais que evidenciavam um fenômeno de ordem supranacional que desde aqueles anos já era perceptível. (Hauser, 1962; Gorelik, 2022). São inúmeros os trabalhos sobre a história das favelas que vêm surgindo, para além de uma bibliografia já clássica no Rio (Fessler Vaz, Zaluar, Valladares...), algumas delas reunidas no dossiê organizado por Aboy, 2017, bem como os trabalhos de Gonçalves (2016) sobre o Rio de Janeiro ou Oliveira (2010) sobre Belo Horizonte, para mencionar alguns interlocutores contemporâneos que indicam caminhos para nossa pesquisa.

não pudesse deixar dúvida a respeito de sua existência desde antes. Chama a atenção, entretanto, que a cidade tenha tardado tanto a enfrentar o fenômeno, quando comparada às demais cidades da América Latina, incluindo outras cidades brasileiras (não apenas o Rio, mas também Recife ou Belo Horizonte).

Foi justamente essa espécie de "demora" no seu reconhecimento que nos levou a uma primeira pesquisa nos jornais.⁵ Pois diante de um crescimento demográfico significativo, das obras de modernização da infraestrutura engendradas pelo Plano de Avenidas (1938-1945) e dos efeitos da Lei do inquilinato de 1942 no mercado de habitação, não é difícil supor que a alternativa das favelas também em São Paulo tivesse sido uma realidade antes dos anos 1970.⁶ Essa pesquisa nos periódicos nos permitiu localizar núcleos de favelas existentes pelo menos desde a década de 1940, em geral vistas como um "problema", muitas vezes transitório, e a ser enfrentado pelo seu desmonte.⁷



Fig. 1. Exemplos de notícias sobre favelas: **Agrava-se o problema da falta de casas em São Paulo** (*Diário da noite*, 16/02/1946, p.18); **Programa de emergência ou de permanente interesse para liquidar o monstruoso passivo de desordem, corrupção e miséria** (*Correio*

⁵ A pesquisa de IC de Julia Flock (2022), *Memórias do apagamento: as primeiras favelas paulistanas (1940-1970)*, por mim orientada, partiu ainda da leitura da pesquisa de Paulino (2007), que fizera um primeiro rastreamento em numerosos documentos e publicações.

⁶ Entre os anos de 1930 e 1970 São Paulo cresceu exponencialmente: de uma taxa de 4% ao ano na década de 1920, atingiu em 1950 o índice de 5,6%, em uma população que em 1920 era de quase 580 mil habitantes; alcançando pouco mais de 1 milhão e 300 mil em 1940; 2 milhões e 168 mil em 1950; alcançando quase 4 milhões em 1960 e chegando a quase 6 milhões em 1970 (Dados do IBGE - Censo Demográfico 1920, 1940, 1950, 1960, 1970 - em 1930 o Censo não ocorre).

⁷ Tratadas ali na maioria das vezes como chagas a serem combatidas, em geral vistas como um problema passageiro (fruto justamente do índice intenso do crescimento), elas apareceram e desapareceram em função de obras que implementavam novas infraestruturas, sem nunca deixarem de existir, deslocando-se constantemente pela cidade, ainda que algumas acabassem por se consolidar. Pesquisando nos jornais paulistas, foram localizados, entre as décadas de 1940 e 1960, mais de 7 mil menções a favelas – tratadas por termos pejorativos os mais diversos –, mas também demonstrando a existência de iniciativas que, salvo engano, não foram ainda objeto de pesquisa, sendo possível especificar a existência de quase cem núcleos nestas décadas, bem como a dinâmica de seus deslocamentos (Flock, 2022).

Paulistano, 07/07/1946, p. 28); **Concluídas as obras de 14 pavilhões** (*Diário da Noite*, 26/04/1946, p.9); **O prefeito na favela** (*Diário da Noite*, 26/02/1946, p.25); **Virão dos Estados Unidos duas mil casas pré-fabricadas** (*Diário da Noite*, 16/02/1946, p.2). Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Nessa comunicação, que é parte de um esforço para montar um *corpus* documental para a elaboração de um projeto de investigação sobre a construção da questão da favela em São Paulo, buscamos entender o modo como nos anos 1940 alguns estudiosos dedicados ao tema da habitação encararam a questão, analisando em especial dois estudos elaborados nesta década, momento em que as favelas provavelmente surgiam na cidade. O primeiro deles, o inquérito “Habitações de São Paulo: estudo comparativo”, conduzido pelo sociólogo norte-americano Donald Pierson em 1941. O segundo, a “Sondagem preliminar a um estudo sobre a habitação em São Paulo”, pesquisa piloto dirigida pelo padre Lebreton em 1947.

O estudo de Donald Pierson

A investigação sobre as habitações em São Paulo dirigida por Donald Pierson em 1941 fez parte dos esforços da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) (fundada por Roberto Simonsen em 1933) – e onde o norte-americano era docente desde 1939⁸ – para formar pesquisadores, que então seriam treinados nos “métodos e técnicas das ciências sociais, especialmente de organizar formulários e questionários e de entrevistar” (Pierson, 1942a). Tratava-se, portanto, não de estudo exaustivo, mas de uma espécie de experiência piloto que posteriormente poderia ser replicada na própria capital, em cidades do entorno e em outros estados, produzindo um material comparativo de interesse.

Doutor pela Universidade de Chicago, Pierson foi um dos responsáveis por difundir os métodos da escola sociológica de Chicago em São Paulo, dirigindo uma série de estudos que ficaram conhecidos como “estudos de comunidade” (Castro, 2021). Sua vinda para São Paulo está inserida no contexto de cooperação entre os Estados Unidos e a América Latina, sendo parte de uma estratégia daquele país no estabelecimento de programas de intercâmbio científico, que nesse caso havia começado com o próprio doutorado de Pierson na Bahia anos

⁸ Sua vinda ao Brasil se vincula as ações de cooperação intelectual entre os Estados Unidos e a América Latina, mais diretamente ao trabalho de Wirth e Redfield, seus orientadores, para estreitar os laços com os países latino-americanos – vistos como campo de estudos promissores. Sua tese, desenvolvida na Bahia sobre as relações raciais, o gabaritava como pesquisador versado nas questões latinoamericanas, possibilitando concorrer a um posto de docência no Brasil (Oliveira, 2012).

antes. Em uma carta enviada por Louis Wirth a Robert Redfield – ambos haviam sido orientadores de suas pesquisas –, a experiência na Bahia fora anotada como paradigmática, na medida em que se lograra alcançar “com Pierson, alguns princípios [e] guias básicos para programas de cooperação intelectual mais efetivos e mais duradouros”.⁹

Sua presença em São Paulo logo estabeleceria um caminho de mão-dupla, na divulgação dos métodos sociológicos de Chicago na universidade brasileira, como dissemos, mas também no encaminhamento de pesquisadores locais para aquela universidade. Essa perspectiva seria convergente com os esforços do próprio Simonsen em seus contatos com a Fundação Rockefeller e com as universidades norte-americanas, na busca por docentes e pesquisadores para a Escola que ele acabara de fundar em São Paulo (Oliveira, 2012, p. 149).

Quando contratado pela ELSP, Pierson – que foi responsável por criar o primeiro curso de pós-graduação em Sociologia no Brasil –, não apenas reforçou a presença dos Estados Unidos na sociologia brasileira, por meio dos financiamentos da Fundação Rockefeller para suas pesquisas, mas também se tornou parte do quadro de pesquisadores do Departamento de Cultura (fundado por Mário de Andrade em 1933 e nessa altura dirigido por Paulo Duarte), que se responsabilizava por pagar o salário do professor em troca justamente da condução de investigações sobre São Paulo e seus modos de vida naquele Departamento. O levantamento das condições de habitação da população se insere assim no campo ampliado de discussões sobre as condições de vida dos trabalhadores na cidade¹⁰. E, em seguida, seguiria por outros países da região, estabelecendo contatos e potencializando os trabalhos de planejamento urbano e regional que vinham sendo elaborados pelos pesquisadores locais.

Verifica-se que o tema desta pesquisa fazia parte de um longo caminho de discussões: pois pelo menos desde o I Congresso de Habitação, promovido pelo Instituto de Engenharia

⁹ Louis Wirth em carta a Robert Redfield, citada em Oliveira, 2012, p. 149.

¹⁰ Vale dizer que pesquisas conduzidas por outros dois norte-americanos na ELSP, Horace Davis e Samuel Lowrie, também sobre o padrão de vida dos trabalhadores, com especial atenção à alimentação – ainda antes da vida de Pierson – haviam sido fundamentais para auxiliar na definição do valor do salário mínimo no país - o que mostra o trânsito de Roberto Simonsen nas esferas decisórias nacionais (Daves permanece na ELSP por apenas um ano, Lowrie permanece cinco anos e regressa em 1938, quando Pierson chega).

de São Paulo em 1931¹¹, até a realização em 1941 da Jornada de Habitação Econômica do Idort (o Instituto de Organização Racional do Trabalho, fundado também por Simonsen e por outros empresários em 1931), a questão habitacional como um problema do desenvolvimento urbano e industrial vinha sendo debatida por profissionais locais de diversas áreas.¹²



Fig.2. Donald Pierson em seu escritório na ELSP em São Paulo (anos 1940). Fonte: Silva, 2012.

É justamente nessa Jornada que Pierson apresenta a pesquisa como uma contribuição a mais para a formulação de propostas para as moradias da classe trabalhadora. Vale notar que ao abrir os trabalhos da Jornada, situando o problema da habitação econômica, Simonsen mencionaria a existência das “favelas, mocambos, etc”, retomando um caminho de reflexão que havia sido sintetizado em Buenos Aires dois anos antes, quando, no I Congreso de Viviendas, propusera-se a criação de um Instituto de Vivienda em âmbito latino-americano, como ele afirma neste texto (Simonsen, 1942).

Se nessa apresentação de Simonsen as favelas são brevemente mencionadas, no estudo conduzido por Pierson elas não apareceriam nomeadas. A pesquisa, que foi publicada

¹¹ A Jornada de Habitação Econômica do Idort contaria com a publicação de vinte e uma teses e quatro conferências, sendo seis trabalhos versando diretamente sobre habitação – sendo publicados na *Revista do Arquivo Municipal*.

¹² Dentre os autores aí presentes estão Bruno Rudolfer, Roberto Simonsen (um dos fundadores da ELSP e professor de História Econômica na mesma instituição), Pierre Monbeig (responsável pela cátedra de Geografia Humana na USP e um dos principais nomes da SEF), entre outros quase 40 palestrantes e conferencistas de várias áreas como engenharia, arquitetura, medicina, direito, sociologia, personalidades do meio político e empresarial.

em três oportunidades¹³, foi acompanhada de um levantamento fotográfico, elaborado por Benedito Junqueira Duarte, fotógrafo do Departamento de Cultura, no qual os cortiços seriam identificados como *as* habitações correntes das classes populares. Algumas dessas fotografias foram publicadas na *RAM* ilustrando a pesquisa. Tomamos aqui o segundo texto publicado em 1942, no qual Pierson se alonga mais nas análises dos resultados. Além dos relatos e das fotografias, teriam sido produzidos também mapas ecológicos (não localizados). Vejamos então como a pesquisa foi feita e o que ela conseguiu flagrar.

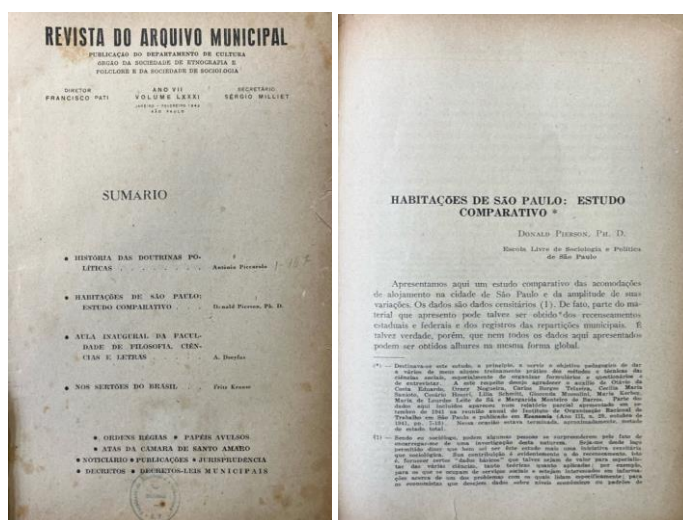


Fig.3. Folha de rosto e primeira página do artigo de Donald Pierson, *Habitações de São Paulo: estudo comparativo*, *Revista do Arquivo*, ano VII, v. LXXXI, Departamento de Cultura, São Paulo, 1942. Fonte: Reprodução.

O texto é organizado em duas partes: “o caráter das amostras” e “resultados obtidos”. Na seção inicial, Pierson afirma ter sido a investigação conduzida menos como pesquisa “sociológica” que “censitária”, podendo fornecer sobretudo “dados básicos” para pesquisadores de áreas distintas: economia, urbanismo, sociologia, administradores, etc¹⁴.

¹³ Primeiramente em 1941, na revista *Economia* (“Estudo comparativo da habitação em São Paulo”), antes ainda da tabulação de todos os dados; e depois em 1942 na *Revista do Arquivo Municipal*, no número especial dedicado à Jornada do Idort acima mencionada (“Um estudo comparativo da habitação em São Paulo”); e depois como artigo autônomo em outro número (“Habitações de São Paulo: Estudo comparativo”).

¹⁴ Forneceria, por exemplo, dados “aos economistas, sobre níveis de vida”; aos antropólogos, “sobre tipos de moradias e costumes domésticos”; e ainda aos administradores, “que talvez estejam incentivando a melhoria das habitações”; ou para “os urbanistas que procuram criar uma ‘bela cidade’”; ou ainda aos próprios sociólogos, quando “interessados em criar sistemas de classes e entre cujos critérios [pudesse] figurar o tipo de habitação usado, a presença ou ausência de comodidades domésticas” (Pierson, 1942, p. 199, nota1).

Para levar adiante a investigação coordenada por ele e elaborada pelos alunos da ELSP¹⁵, a cidade foi dividida em dois níveis, uma “área superior” e uma “área inferior”, separando-se a parte mais rica da parte mais pobre. Em seguida, para cada uma, foram escolhidos seis bairros – considerados “provavelmente representativos” – para serem o campo da pesquisa: Bixiga, Mooca e Canindé no nível “inferior” e Jardim América, Pacaembu e Higienópolis no “superior”. Todos, vale notar, localizados em uma zona concêntrica contígua ao centro, que teriam sido selecionados após se “conferenciar com várias pessoas competentes que conhecem muito bem a cidade” (indicando quão provinciana era a cidade naqueles anos), mas também “depois de uma inspeção preliminar dessas seções e de outras que foram sugeridas” (Pierson, 1942, p. 201). Alertava-se que a representatividade era portanto relativa e que talvez tivesse sido adequado “acrescentar pelo menos uma amostra da área periférica da cidade” (Pierson, 1942, p. 202). A ressalva pode indicar a percepção de uma “periferia” que, ainda que não contemplada na amostra, começava a chamar a atenção.¹⁶

Entendendo os bairros como “áreas naturais”, vizinhanças que se caracterizam por compartilhar características comuns – unidade analítica chicaguiana que remetia aos conceitos da ecologia urbana – a pesquisa abarcou apenas duzentas casas: cem da área “inferior” (cinquenta na Mooca, 25 no Bixiga e 25 no Canindé); e cem da “superior” (cinquenta no Jardim América, 25 no Pacaembu e 25 em Higienópolis).

Após a definição do problema e a apresentação da metodologia, passava-se aos “fatos obtidos”, relatando-se ali as principais conclusões, consideradas como “naturais”. Entre elas, a maior densidade em áreas inferiores que superiores; a co-habitação apenas nas áreas inferiores; uma larga maioria de casas geminadas nas amostras inferiores; edifícios de uso misto também apenas na amostra inferior, sendo os bairros da amostra superior estritamente residenciais. Todos os dados apareciam tabulados em quadros, gráficos e tabelas, e

¹⁵ Otávio da Costa Eduardo, Oracy Nogueira, Carlos Borges Teixeira, Cecília Maria Sanioto, Cesário Hossri, Lília Schmitt, Gioconda Mussolini, Maria Aparecida Kerberg, Maria de Lourdes Leite de Sá, Margarida Monteiro de Barros.

¹⁶ Dois anos depois, o geógrafo Aroldo de Azevedo publicava os primeiros resultados de sua pesquisa sobre as áreas periféricas da cidade: *Subúrbio de São Paulo (primeiros estudos)* - conduzida no Instituto Sedes Sapientiae e publicado preliminarmente em 1943 - e na qual já é possível flagrar a expansão urbana e o surgimento de distritos industriais nas margens da cidade (Azevedo, 1943).

comentados apenas brevemente no texto. As fotografias de Duarte, como dissemos, completavam a exposição (no melhor estilo "uma imagem vale mais que mil palavras").

De modo geral, nota-se como as habitações da amostra superior eram os grandes sobrados isolados no lote, enquanto na amostra inferior a maioria das casas eram conjuntos geminados, nas quais em geral habitava mais que uma família. Os porões habitados, quando constantes na amostra superior, abrigavam os empregados domésticos, enquanto os da amostra inferior indicavam uma persistente coabitação (Quadro I, p. 204).

Quanto aos materiais de construção, a variação vinha sobretudo nos acabamentos, piso e cobertura, sem haver variações significativas nas estruturas de vedação – não sendo verificadas nas amostras madeira, papelão ou outro material que não o tijolo (Quadro II, p. 205). A propriedade também não indicava surpresas: a maioria na área inferior era alugada (93%) e o inverso na superior, onde 86% eram casas próprias (Quadro III, p. 206).

Materiais	Área A (superior)		Área B (inferior)		Totais da amostra	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Paredes:						
Tijolo	42	97,2	87	87,0	129	90,2
Tijolo e madeira	1	2,3	0	0,0	1	0,7
Tijolo e pedra	0	0,0	2	2,0	2	1,4
Concreto	0	0,0	10	10,0	10	7,0
Concreto e tijolo	0	0,0	1	1,0	1	0,7
	43	100,0	100	100,0	143	100,0
Telhados:						
Telhas	42	97,2	99	99,0	141	98,6
Telhas e cimento	1	2,3	1	1,0	2	1,4
Ladrilhos	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	43	100,0	100	100,0	143	100,0
Tetos:						
Madeira	41	95,3	13	13,0	54	37,8
Estraque	2	4,7	76	76,0	78	54,3
Madeira e estraque	0	0,0	11	11,0	11	7,7
	43	100,0	100	100,0	143	100,0
Pisos:						
Saúdo	39	90,7	82	82,0	121	84,6
Saúdo e ladrilho	3	7,0	14	14,0	17	11,9
Saúdo e mármore	0	0,0	2	2,0	2	1,4
Saúdo, ladrilho e mármore	0	0,0	1	1,0	1	0,7
Saúdo tapizado	0	0,0	1	1,0	1	0,7
Cimento	1	2,3	0	0,0	1	0,7
	43	100,0	100	100,0	143	100,0

Lugar	Do que se trata	Quantidade	Porcentagem	Total
Cimado usado para cozinhar	—	—	—	4
Doméstico	—	—	—	5
Sala	—	—	—	1
Prezido no pátio	2	100,0	—	2
Em laje da escada no pátio	—	—	—	2
Diminuição de outra família que mora no mesmo prédio	2	100,0	—	2
Próprio: cozinha alugada do lado da rua	—	—	—	1
Próprio: cozinha alugada do lado da rua	1	100,0	—	1
Como fora	4	100,0	—	4
Como dentro de trabalho	1	100,0	—	1
Total	10	10	2	22

Fig.4. Quadro II - Materiais de construção (143 prédios) e Quadro XI - Lugares de preparar alimentos: das 22 famílias entre 100 das da Área "inferior" de Habitação não têm cozinha. Publicados no artigo de Pierson, 1942. Fonte: Reprodução.

A pesquisa sistematizava ainda tamanho dos terrenos; valor do aluguel (Quadro IV, p. 207); tempo de residência (para observar a mobilidade na cidade, e fora dela); presença, condições de moradia e número de empregados (na área inferior, obviamente, inexistentes, salvo uma exceção no Canindé – Quadro V, p. 209); presença e condições de acesso à água encanada, presença de sanitários e de tanques (Quadro VI, p. 211); condições de iluminação (com todas as residências das duas amostras tendo acesso a luz elétrica); número, função e usuários de cômodos das casas (Quadro VII; Quadro IX; Quadro X; Quadro XI; Quadro XII, p.

213-219); móveis e suas condições de uso (Quadro VIII, p. 214); utensílios presentes (Quadro XIII, p. 220), e assim seguia, especificando, detalhando, dando atenção até às condições sanitárias e à preparação de alimentos, bem como para a presença e a quantidade de utensílios e aparelhos domésticos específicos, detalhava ainda número de livros, quadros, instrumentos musicais – nos moldes das pesquisas de renda. Com isso, buscava-se obter, ou evidenciar como seria possível obter, um retrato mais preciso dos modos de vida daqueles sujeitos. Ao final de todas as tabelas com dados específicos, 4 gráficos contrastavam as duas áreas por meio de itens determinados (Pierson, 1942, p.235-238).

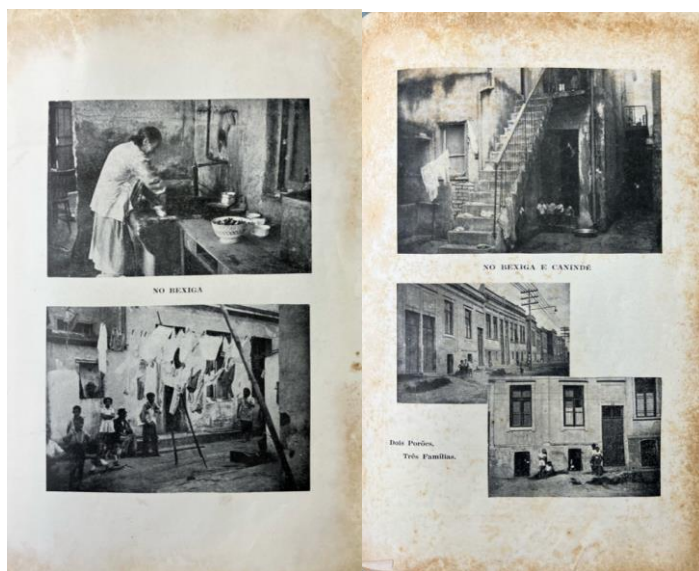


Fig.5. “No Bixiga”; “No Bixiga e Canindé / Dois porões, três famílias”, exemplos de fotografias de B. J. Duarte que acompanham a pesquisa (sem crédito). Publicados no artigo de Pierson, 1942. Fonte: Reprodução.

Tendo sido pesquisadas ruas específicas¹⁷, as favelas, se existiam, não puderam ser flagradas na investigação. Quando olhamos os endereços pesquisados por meio do Mapa Sara Brasil (1930), vemos que há vazios próximos onde talvez já houvesse algumas choupanas ou barracos. A pesquisa, no entanto, seguia a rua selecionada como uma “área representativa”, percorrendo-a casa a casa até alcançar o número de residências previamente definido, para garantir a validade da amostra. Nesse percurso, como dissemos, são os cortiços que aparecem de muitas maneiras: nos porões, na coabitação, e no “correr de cômodos”, que dividiam

¹⁷ Da amostra superior: no Jd. América, nas ruas Canadá, Bolívia, Argentina, Guadalupe, Venezuela e Avenida Brasil; no Pacaembú, na Avenida Pacaembu e ruas Itaguaçaba, Angatuba, Morro Verde, Itápolis, Catanduva; e em Higienópolis, na Av. Angélica, ruas Sergipe e Veiga Filho. Da amostra inferior, na Mooca, as ruas Carneiro Leão e Caetano Pinto; no Canindé, a Avenida do Estado; no Bixiga, a rua Manuel Dutra.

instalações sanitárias em um pátio comum – evidenciando-se como uma constante da “área inferior”.

Após a exposição dos dados, não há no texto publicado análises mais aprofundadas sobre as condições de vida – pois ali limitava-se a apresentar os resultados obtidos – sendo de fato uma espécie de estudo para instrumentalizar os jovens pesquisadores. Talvez nos relatórios enviados à Fundação Rockefeller ou nos mapas ecológicos tenha havido maiores elaborações – mas a esses ainda não tivemos acesso.

Nos anos seguintes a presença de favelas passará a ser noticiada com certa frequência nesses bairros (não só neles), sobretudo em áreas que parecem formar um segundo anel de urbanização, para além da linha do trem. Na Mooca, a partir de 1945, há menções de favelas na rua do Hipódromo, n. 2653, na rua Bresser, n.2703, na rua Curupacê e na rua Avaí.¹⁸ No Canindé, a favela surgida no final da rua Felisberto Dias, na várzea do Tietê, aparece em 1948, decorrente do despejo de famílias que viviam em outra favela – e que para ali seriam deslocadas em uma espécie de loteamento informal organizado pelo próprio poder público.¹⁹ No Bixiga, as ocupações por casebres e choupanas na área da grota do Saracura também seriam visíveis.²⁰ Na própria Avenida do Estado (a várzea do rio Tamanduateí), na altura do bairro do Glicério, há menção ao despejo de uma favela em 1945, o que indica uma ocupação anterior a esse ano.

Se as menções às favelas começam a aparecer nos jornais a partir do ano de 1945, isso talvez se deva ao fim do período de censura decorrente do Estado Novo, fazendo supor que desde antes elas estavam presentes na cidade. Vejamos agora como a cidade aparece relatada alguns anos depois, quando o padre Lebreton vem a São Paulo e uma nova investigação sobre as moradias é elaborada

A “Sondagem” de Lebreton

¹⁸ Endereços obtidos a partir de notícias de jornais da época (Flock, 2020).

¹⁹ Trata-se da favela que vai morar Carolina de Jesus, e os dados a respeito aparecem no TCC da assistente social Marta Terezinha Godinho (1955).

²⁰ Hoje em pauta diante do movimento de grupos e coletivos que vem defendendo a presença e a memória negra na Grota do Saracura.

O dominicano Joseph Louis Lebet, que ainda durante a Segunda Guerra fundara na França o movimento *Economie et Humanisme*, em 1941, passa a percorrer a América Latina a partir de 1947, buscando difundir seus ensinamentos como uma forma alternativa para lidar com as cidades e a política (Pontual, 2017). Por meio de contatos prévios com intelectuais ligados a ELSP, sua primeira parada é o Brasil, chegando a São Paulo durante a gestão do prefeito Abrahão Ribeiro, que sucedera Prestes Maia e herdara os problemas de falta de moradia decorrentes da implementação do Plano de Avenidas²¹.

Lebet também vai propor um curso na ELSP, e durante quatro meses ministra uma disciplina de introdução à Economia Humana, elaborando com os alunos uma nova pesquisa sobre as condições da moradia na cidade. A “Sondagem preliminar a um estudo sobre a habitação em São Paulo”, título pelo qual a investigação foi divulgada, aplicava o método desenvolvido na França na Sociedade para a Aplicação do Grafismo e da Mecanografia à Análise (SAGMA), adaptando-o às condições locais. Os resultados divulgados anos depois na mesma *Revista do Arquivo Municipal* explicitam o modo como a pesquisa foi elaborada, seus alcances e limites²².



Fig.6. Padre Lebet, Raymond Delprat e Frei Benevenuto em uma viagem de campo, São Paulo. Fonte: Angelo, 2014.

²¹ Em 1947 a cidade seria administrada por três prefeitos diferentes: Abrahão Ribeiro, Cristiano Stockler das Neves e Paulo Lauro, indicando uma instabilidade após o período de intervenção do Estado Novo.

²² Vale lembrar que da ação de Lebet na cidade resultou na criação da Sociedade para Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais (SAGMACS), inspirada na congênere francesa, tendo dali em diante um papel fundamental no urbanismo brasileiro, não apenas conduzindo importantes estudos nas décadas seguintes (inclusive uma primeira pesquisa aprofundada sobre as favelas no Rio de Janeiro), como formando pesquisadores nas várias áreas ligadas à questão urbana (Cestaro, 2015).

Dirigida por Lebret mas coordenada pelo médico Oscar Rezende de Lima e por Estanislau Roberto Maiorano, ambos pós-graduandos na ELSP, a pesquisa demonstra o amadurecimento setor público na cidade, tendo envolvido técnicos da Divisão de Estatística e Documentação Social da Prefeitura, que juntamente aos alunos da ELSP e a estudantes da Faculdade de Direito do largo São Francisco (coordenados por André Franco Montoro, que se tornaria governador de São Paulo décadas depois) e da Escola de Serviço Social (dirigidos por Helena Iracy Junqueira, assistente social que também terá uma presença dentro da gestão pública municipal) perfaziam uma equipe com 40 pesquisadores. Se as intenções eram próximas do inquérito de Pierson – o treinamento de alunos nas investigações sociológicas – o envolvimento de tantos grupos indica uma ambição algo maior e evidencia como a questão habitacional se consolidara como um tema transversal a várias disciplinas.

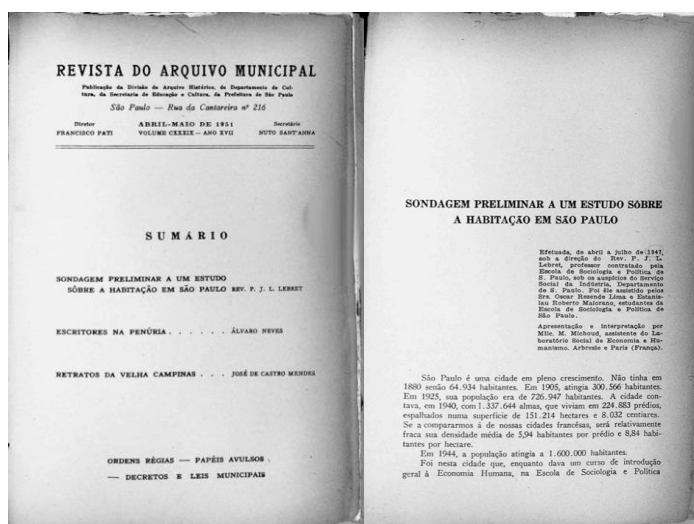


Fig.7. Folha de rosto e primeira página do artigo J. L. Lebet, “Sondagem preliminar a um estudo sobre habitação em São Paulo”, *Revista do Arquivo*, n. CXXXIX, Departamento de Cultura, São Paulo, 1951. Fonte: Reprodução.

Adaptado o método francês às condições locais²³, para escolher as amostras a pesquisa se valeu de dados do censo de 1940, o que, alertava Lebet, “não era mais estritamente representativo em 1947” pois que a população vinha crescendo “enormemente”, “especialmente em bairros suburbanos” (Lebet, 1951, p.9)²⁴.

²³ Por exemplo, percebeu-se que entre os itens pesquisados não fazia sentido a categoria “aquecimento” num país tropical, logo sendo substituído pelo “asfalto”, na medida em que muitas casas eram de terra batida.

²⁴ Como o estudo já citado de Azevedo (1943) também indicara.

No texto publicado em 1951²⁵, o caráter precário de alguns dos resultados, em função da pouca prática de parte dos pesquisadores, mas também do número reduzido de habitações efetivamente pesquisadas, é explicitado por Lebrete: dos 1.257 inquéritos previstos, apenas 500 acabaram sendo aplicados, “cifra evidentemente insuficiente para se obter uma representação inteiramente válida”. Nesse sentido, a pesquisa também teria uma função mais indicativa, constituindo “sobretudo uma evidenciação dos pontos sensíveis do problema da habitação em São Paulo” (Lebrete, 1951, p. 9).

Ainda assim, a investigação, ao estabelecer “um agrupamento natural e progressivo das habitações estudadas” a partir da definição de sete categorias (0. sub-casebre (habitação miserável, insatisfatória sob todos os aspectos); I. casebre (habitação miserável, que pode ter alguns elementos satisfatórios); II. semi-casebre (habitação insatisfatória, que não pode ser melhorada); III. habitação insatisfatória, mas passível de melhoria; IV. habitação satisfatória; V. habitação confortável; VI. habitação luxuosa (ou muito confortável) (p.9-10) pôde avançar em algumas conclusões.²⁶

Nesse caso, ao invés de selecionar áreas representativas, tomou-se como base geográfica todos os 43 distritos existentes em São Paulo²⁷, sendo cada um deles designado a um grupo de pesquisadores, onde um número proporcional de habitações de acordo com a densidade seria investigado. As habitações inicialmente foram classificadas nas sete categorias pré-definidas por suas características exteriores, estimando-se “a proporção por distrito para cada uma delas”. Com isso, foi possível notar o caráter homogêneo das

²⁵ Dividido em 11 tópicos: A sondagem; II. Resultados gerais; III. Resultados por zonas; IV. Localização das categorias extremas; V. Estudo dos tipos de habitação; VI. Estudo das habitações segundo seu número de peças; VII; Estudo da superfície das habitações; VIII. Ensaio de localização das classes sociais e tipos de moradia; IX. Estudo dos defeitos da habitação por classe social; X. Nacionalidade dos ocupantes; XI. Comparação com a França.

²⁶ Esta gradação era o que permitiria a comparação com estudos similares feitos nas cidades francesas (Marselha, Lyon, Nantes e St. Etienne), ainda que “as características de cada categoria diferissem entre a França e o Brasil” (Lebrete, 1951, p.10).

²⁷ 1.Sé; 2.Liberdade; 3.Penha; 4.N. S. do O; 5.Sta. Ifigênia; 6.Brás; 7.Consolação; 8.Sant’Ana; 9.V. Mariana; 10.Belenzinho; 11.Sta. Cecília; 12.Cambuci; 13.Butanta; 14.Osaco; 15.Lapa; 16.Bom Retiro; 17.Mooca; 18.Bela Vista; 19.Ipiranga; 20.Perdizes; 21. Jardim América; 22.Saúde; 23.Tucuruvi; 24.Casa Verde; 25. Indianópolis; 26. Pari; 27. Vila Prudente; 28. Tatuapé; 29. Jardim Paulista; 30. Santo Amaro; 31. Ibirapuera; 32. Pirituba; 33. Capela do Socorro; 34. Alto da Mooca; 35. Cerqueira César; 36. Barra Funda; 37. Vila Maria; 38. Aclimação; 39. Vila Matilde; 40. São Miguel; 41. Itaquera; 42. Lajeado; 43. Perus.

habitações em uma cidade onde havia “poucos prédios altos e apenas uma dezena de tipos de habitação”, algo visto como uma facilidade para o desenvolvimento da pesquisa (Lebret, 1951, p.10-11).

E de fato, fosse pelo tempo, fosse pelo número de pesquisadores envolvidos, essa homogeneidade permitiu certas aproximações. Dos 43 distritos, dezesseis não seriam efetivamente pesquisados, tendo seus dados computados em função da semelhança a outros distritos. Nesse sentido, o Jardim Paulista, por exemplo, foi considerado semelhante ao Jardim América, assim como a Saúde se assemelharia a Vila Mariana e Ipiranga.²⁸

N.º	Distritos	Comptos previstos	Comptos feitos
1	Sá	10	8
2	Liberdade	40	38
3	Penha	43	0
4	Nossa Senhora do Ó	12	12
5	Santa Helena	35	18
6	Boa	70	39
7	Consolação	27	16
8	Sant'Ana	40	1
9	Vila Mariana	40	22
10	Belém	55	29
11	Santa Cecília	32	17
12	Cambuci	35	27
13	Itaúna	27	17
14	Osasco	16	11
15	Lapa	58	20
16	Bom Retiro	25	13
17	Mooca	45	27
18	Reta Vista	40	32
19	Ipiranga	54	25
20	Perdizes	42	11
21	Jardim América	25	8
22	Saúde	42	2
23	Tucuruí	35	0
24	Casa Verde	20	10
25	Indaiatuba	11	17
26	Pará	34	14
27	Vila Prudente	29	8
28	Tatuapé	53	0
29	Jardim Paulista	32	19
30	Santo Amaro	18	0
31	Itaquera	9	0
32	Pirituba	11	0
33	Capela de Sodré	14	0
34	Alto da Mooca	42	17
35	Corqueira César	22	0
36	Barra Funda	26	0
37	Vila Maria	12	11
38	Avilação	18	6
39	Vila Matilde	12	0
40	São Miguel	9	3
41	Itaquera	9	0
42	Lagoado	4	0
43	Perus	7	0
Total		1.257	500

0. Sub-casebre: habitação miserável, insatisfatória sob todos os aspectos.	Penha	assimilado em média a Vila Maria — Vila Matilde
I. Casebre: habitação miserável, que pode ter alguns elementos satisfatórios.	Sant'Ana	" " " Casa Verde — Pará
II. Semi-casebre: habitação insatisfatória, que não pode ser melhorada.	Saúde	" " " Vila Mariana — Ipiranga
III. Habitação insatisfatória, mas passível de melhoria.	Tucuruí	" " " Sant'Ana — Vila Maria
IV. Habitação satisfatória.	Casa Verde	" " " Barra Funda — Bom Retiro
V. Habitação confortável.	Tatuapé	" " " Belém — Vila Matilde
VI. Habitação luxuosa ou muito confortável.	Jardim Paulista	" " " Jardim América
	Itaúna	" " " Indaiatuba
	Itaquera	" " " Nossa Senhora do Ó — Lapa
	Perdizes	" " " Santo Amaro
	Barra Funda	" " " Belém — Mooca
	São Miguel	" " " Bom Retiro — Perdizes
	Lagoado	" " " Pará — Tatuapé
	Perus	" " " Penha
		" " " Itaquera
		" " " Pirituba

Fig.8. Listagem das 7 categorias de casas; Quadro I – Distritos; Quadro II - Distritos assimilados; publicados no artigo de Lebret, 1951. Fonte: Reprodução.

Em seguida, estimou-se a presença das porcentagens de cada tipo de habitação em cada distrito, e, em função de seus habitantes e condições de vida (renda, ocupação, origem, etc), produziu-se tabelas e gráficos com os resultados. Concluiu-se que a cidade tinha proporcionalmente um grande número de casas na categoria III (habitação insatisfatória, mas passível de melhoria); uma baixa representação na categoria II semi-casebre (habitação insatisfatória, que não pode ser melhorada); e uma proporção similar entre habitação confortável (categoria V) e os sub-casebres (habitação miserável, insatisfatória sob todos os

²⁸ A definição das aproximações e a dispensa da pesquisa foi definida pelos dois coordenadores, Rezende e Maiorano, após “terem rápida, mas cuidadosamente percorrido cada um dos distritos não analisados” (Lebret, 1951, p.12).

aspectos) e casebres (habitação miserável, que pode ter alguns elementos satisfatórios), nas categorias 0 e I. Além disso, reafirmava-se a homogeneidade dos bairros verificada previamente, o que corresponderia “sem dúvida a evolução histórica da cidade: evolução por extensão concêntrica, processo habitual no crescimento de nossas metrópoles” (Lebret, 1951, p. 15).

Inicialmente a pesquisa também previu separar a cidade em duas partes, neste caso, a “parte sudoeste” e o “resto da cidade” – comparáveis de certo modo às zonas superior e inferior de Pierson. Entretanto, após a investigação ter início, outra divisão, em três setores, foi proposta: uma “zona central (administrativa e comercial, principalmente)”, constituída pelos bairros históricos; uma “zona residencial propriamente dita”; e uma “zona de arrabalde”. Alguns distritos das zonas 2 e 3 compreendiam ao mesmo tempo partes urbana, suburbana e rural. A “zona de arrabalde” correspondia à zona periférica notada por Pierson, mas não examinada aquela altura (e que para Aroldo de Azevedo era assimilada a categoria “subúrbio”).

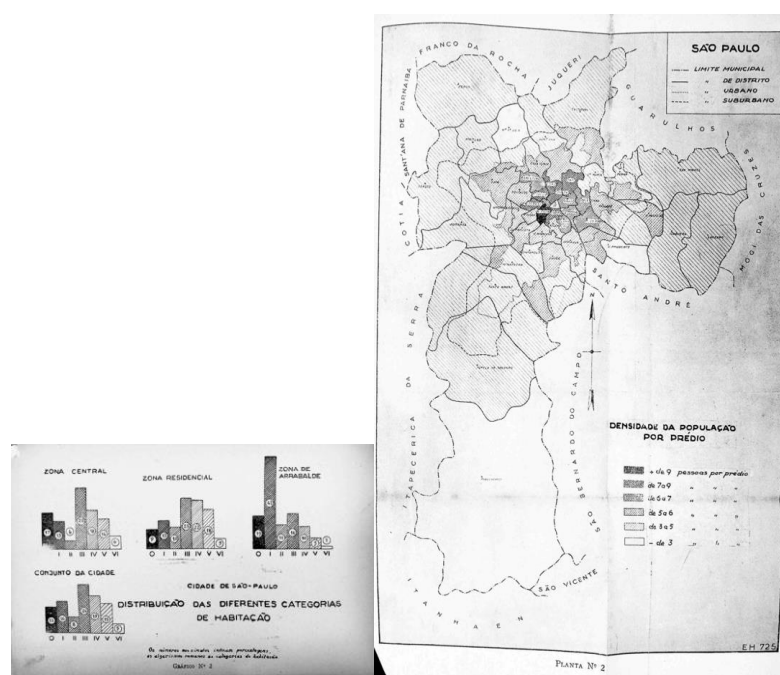


Fig.9. Gráfico II - Distribuição das diferentes categorias de Habitação; Planta II - Densidade da população por prédio; publicados no artigo de Lebret, 1951. Fonte: Reprodução.

Também esta pesquisa não parece ter flagrado o surgimento de barracos em núcleos de favelas. Os “casebres” e “sub-casebres” eram – como se nota pelas descrições – categorias que remetiam aos cortiços, assim como os “semi-casebres”. Presentes em todos os distritos

da cidade – com exceção dos bairros jardins, recém urbanizados pela Companhia City, cuja legislação rígida impedia qualquer tipo de construção que não fosse uma residência unifamiliar de alto padrão – as habitações subdivididas indicavam a insuficiência do conjunto construído diante do intenso crescimento populacional e do recrudescimento da oferta desde a Lei do Inquilinato.

Chama atenção na zona de arrabalde a presença da categoria I – casebre – em uma área de características ainda rural. Mas se a palavra favela não aparece neste relatório, é difícil afirmar se os casebres e sub-casebres incorporavam ou não os barracos que começaram a ser construídos em terrenos não urbanizados e também nas margens da cidade, com os frequentes desmontes de núcleos centrais em função da implementação de obras de infraestrutura que seguiam em ritmo acelerado. Cruzando os dados dos distritos pesquisados com o mapa em que vimos localizando os núcleos de favelas a partir de 1945, vemos essa presença se sobrepor. Se eles não foram “elegíveis” para uma pesquisa sobre moradia na cidade, isso talvez se devesse mais à percepção das mesmas como temporárias e de pouca importância, diante de uma cidade “pujante e industriosa”, que de sua inexistência.

A pesquisa tinha como objetivo primeiro perceber diferenças da estrutura residencial de uma cidade sul-americana em comparação às cidades industriais francesas. Feita com limitações, e apoiada na sistematização francesa adaptada, essa investigação, como afirma Cristina Leme, foi capaz de flagrar “o empobrecimento crescente das áreas centrais, a formação de bairros-jardim exclusivos de classe de renda mais alta e o crescimento da periferia com moradias com características ainda rurais.” (Leme, 2004, p. 110). Ou seja, mesmo sem ter uma “representação inteiramente válida”, os inquéritos não deixaram de evidenciar os “pontos sensíveis do problema da habitação em São Paulo”.²⁹

Destacamos nesse sentido a própria questão racial, brevemente mencionada, e que não estava propriamente no foco da pesquisa:

Das 385 pesquisas em lares brasileiros, 20 foram feitas na casa de brasileiro de raça negra. É digna de nota a distribuição dessas 20 habitações por categoria: 13 pertencem a categoria 0, 6 pertencem a categoria I, 1 pertence a categoria II. Parece que os brasileiro de raça negra correspondem a uma classe miserável da população (Lebreton, 1951, p. 50).

²⁹ No documento, dizia-se ser necessário fazer uma pesquisa com três mil inquéritos para se ter uma aproximação mais satisfatória à realidade.

A sensibilidade do pesquisador à questão social tangencia assim o tema racial, que seria observado com atenção nas pesquisas de Roger Bastide e Florestan Fernandes na década seguinte³⁰. Se a presença em números absolutos não era significativa naquelas amostras pesquisadas, ainda assim, a sua localização nos extratos mais baixos deixava em evidência a posição social dos pretos na cidade.

A pesquisa, pode-se concluir, indicou a presença de moradias precárias espalhadas por todo o território da cidade – salvo nos bairros-jardins, como dissemos –, moradias que, provavelmente, além dos cortiços e porões mais comumente verificados, talvez também incluíssem barracos e choupanas que começavam a ser nomeados como favela, e que se confundiam com habitações rurais, flagrando-se o surgimento de uma paisagem que não estava ainda totalmente compreendida e reconhecida, embora logo adiante fosse se tornar numericamente importante.

Considerações sobre a ausência

Esse é um trabalho em andamento. Assim, as conclusões aqui esboçadas não merecem esse nome, sendo antes proposições de continuidade de um projeto de pesquisa em elaboração. Por isso, justamente, buscamos observar com atenção dois materiais específicos – as pesquisas de Pierson e de Le Bret – com vistas a ir estabelecendo um *corpus* documental.

Ainda assim, talvez já seja possível pensar que considerar as favelas presentes no tecido urbano, ainda que em lugares “pouco visíveis”, como demonstrado na pesquisa de Flock (2021), demandaria daqueles pesquisadores novos entendimentos e conceituações para seu efetivo reconhecimento, num momento em que os estudiosos da cidade procuravam desenvolver metodologias e ferramentas de pesquisas e informar as demais disciplinas dedicadas a enfrentar o problema da habitação, notadamente a arquitetura, o urbanismo, a engenharia e o planejamento – como ambos afirmam.

Escolhemos tratar aqui de duas das primeiras pesquisas sobre a condição de habitação na cidade de São Paulo, elaboradas na década de 1940, década em que as notícias de jornal

³⁰ A pedido da Unesco, Bastide e Florestan conduziram em São Paulo em 1958 e 1959 uma pesquisa sobre as relações raciais, publicada em livro em 1955 (Bastide; Fernandes, 2019).

começam a aparecer cotidianamente nos jornais, para poder justamente entender de que modo esses cientistas sociais flagariam a questão, mas vimos que em ambas, as favelas não seriam assim mencionadas.

Entretanto, na primeira pesquisa analisada, dirigida por Pierson, nota-se a existência de alguns vazios próximo às ruas pesquisadas nas “áreas inferiores”, ou seja, em bairros populares, quando se observa a cartografia Sara Brasil, aerofotogrametria de 1930, o que pode indicar áreas onde as favelas começam a surgir, se retomamos o mapeamento elaborado por Flock (2021), que ao cruzar as notícias de jornal, menções esparsas em documentação diversa e a própria cartografia histórica, foi capaz de localizar muitos desses núcleos iniciais. Um próximo passo a ser dado é sobrepor estas duas cartografias, para de fato perceber o quão próximas elas poderiam estar, e tentar refletir sobre os motivos que teriam levado a essa invisibilização.

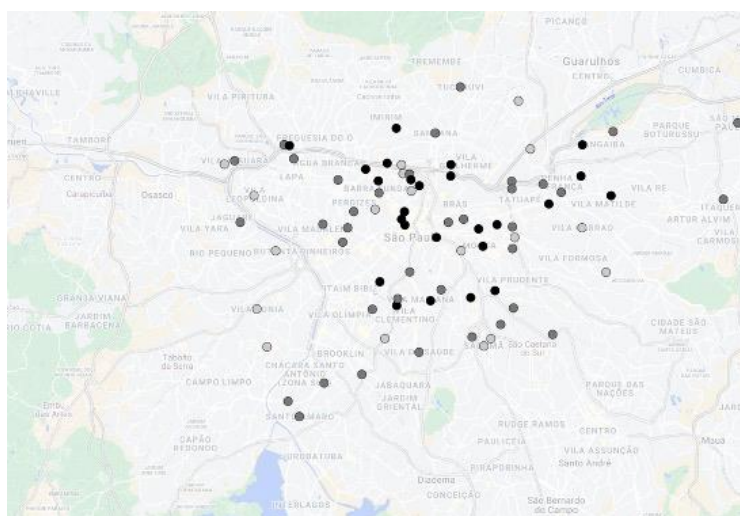


Fig. 10. Cartografia produzida sobre Google Maps, indicando o local do surgimento de núcleos de favelas entre 1940 e 1960. Fonte: Mapa elaborado na pesquisa de IC *Memórias de um apagamento: primeiras favelas de São Paulo* (Flock, 2021).

É possível pensar que embora essas pesquisas detectassem diferenças pronunciadas na cidade (reconhecidas inclusive pela demanda de estudos pelo poder público) e representassem um avanço do ponto de vista da disposição desse mesmo poder público em conhecer e reconhecer as diferenças de habitação na cidade, elas ainda se concentravam nas formas mais conhecidas da pobreza: os cortiços. Se na pesquisa de Lebreton menciona-se a precariedade mais acentuada quando se observam as famílias negras, ainda assim, não são as

favelas objeto de sua atenção, embora saibamos que são esse grupo muitas vezes os moradores destas favelas.

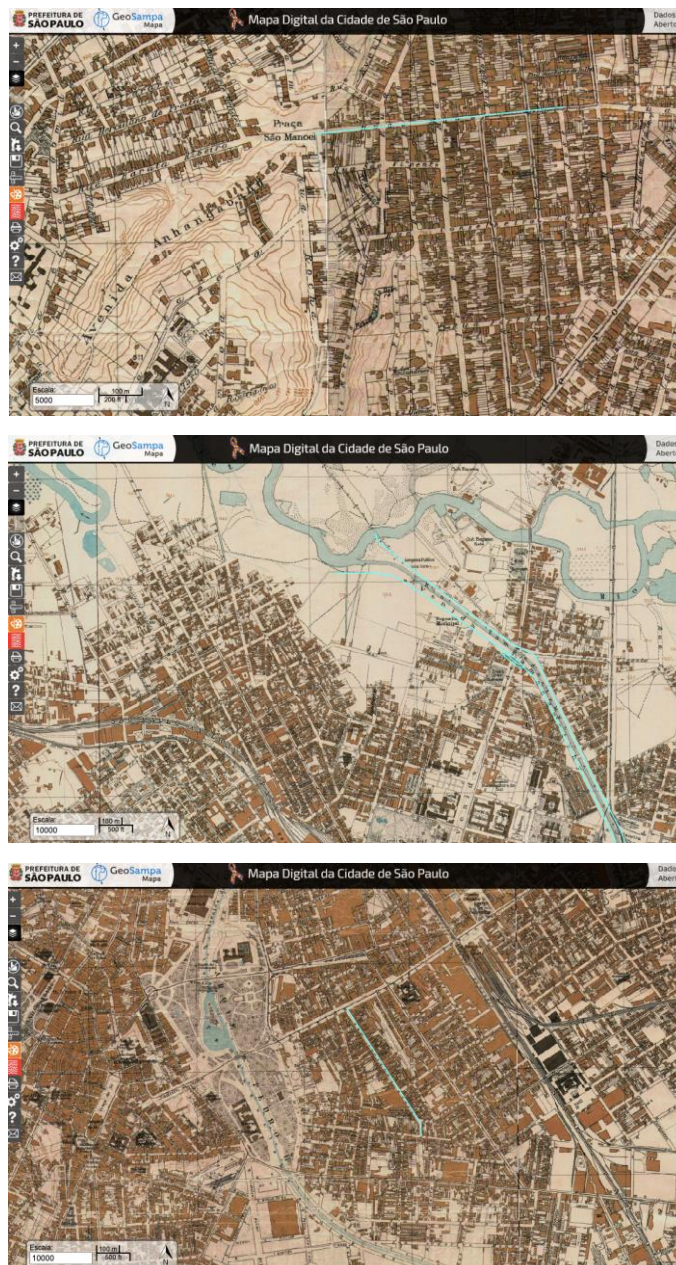


Fig. 11. Algumas das ruas pesquisadas por Pierson nas “áreas inferiores”: Rua Manuel Dutra - Bixiga; Rua Caetano Pinto - Mooca; Av. do Estado – Canindé. Fonte: Elaboração da autora sobre Mapa Sara Brasil/ 1930/ Portal Geosampa

Percebe-se assim como as áreas tomadas pela “vida improvisada” dos pobres, localizadas no mais das vezes em grotas e margens de rios, demoraram para se impor como tema, para além da “chaga social” ou da “mancha negra” noticiada pelos jornais – diferentemente do que acontecia em algumas das capitais latino-americanas, como vimos

pelo seminário da Cepal de 1959 (Hauser, 1962; Gorelik, 2022), que evidenciava pesquisas em andamento desde antes. Por isso é forçoso reconhecer que a obra de Carolina de Jesus é o que insere uma cunha nesse debate na cidade de São Paulo. O sucesso desse livro, que surge após uma reportagem da revista *O Cruzeiro* revelar a existência de uma escritora na favela do Canindé, parece impedir que o tema continuasse secundário para o poder público.



Fig. 12. Capa do livro de Carolina de Jesus, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicado em 1960 e páginas de reportagem de Audálio Dantas, “Retrato da favela no diário de Carolina”, publicada na *Revista Cruzeiro* em 20 de junho de 1959. Fonte: Reprodução e Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Quando olhamos para os levantamentos fotográficos de B.J. Duarte³¹, para os conjuntos fotografados (e não publicados), ou seja, para o material que ele produz para o Departamento de Cultura, também se percebe o surgimento de novas construções improvisadas junto aos cortiços, puxadinhos de madeira e papelão. Estes seriam então um prenúncio dos barracos que mais tarde começam a ser levantados pelas pesquisas das assistentes sociais?³². Esse levantamento fotográfico também é uma pista fundamental que

³¹ A pesquisa de mestrado “Um olhar, várias imagens”, de Rebeca Domiciano de Paula, orientada por mim na FAUUSP, vem se dedicando a estudar o arquivo fotográfico de B. J. Duarte depositado na Museu da Imagem de São Paulo, o que possibilitará buscar nesses materiais mais elementos para a nossa investigação.

³² Nota-se a partir desse estudo de Godinho, o estudo “O serviço social e as favelas”, que ela elabora como trabalho de Conclusão de Curso em 1955, que as ações de desocupação de terrenos particulares – desencadeadas por pedidos de despejo solicitados pelos donos das terras –, em geral vinham seguidas de uma espécie de incentivo à ocupação de terrenos públicos, ao menos desde 1951, quando fora criada a Comissão de Assistência Social Municipal (CASMU). Funcionando em parceria com a Igreja Católica, por meio da sua Confederação das Famílias Cristãs, de corte assistencialista, esta última acabou se tornando, após vencer uma concorrência pública, a responsável por executar as ações de desfavelamento com os recursos municipais, atuando como associação parceira do município. Vale ainda notar que a CFC é um dos movimentos leigos que então surgiam na Igreja Católica, a partir da Ação Católica fundada em 1932, juntamente aos grupos de

será daqui em diante objeto de uma leitura e uma investigação mais meticulosa, no âmbito deste projeto de pesquisa.

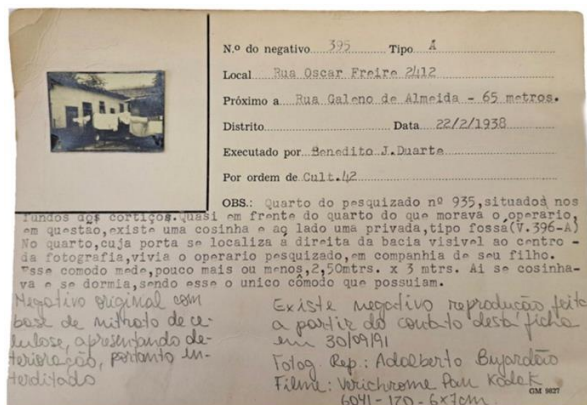


Fig. 13. Ficha de fotografia de B. J. Duarte. 395A – Rua Oscar Freire [1938]. Nas OBSERVAÇÕES, lê-se a descrição do quintal da casa (cortiço), onde uma nova construção foi feita funcionando como quarto: Fonte: Acervo Fotográfico do Museu da Cidade.

Não fomos capazes de encontrar até agora menções a associações de moradores, como se vê em cidades como Rio ou Belo Horizonte, onde a população favelada aparece no espaço público com feições mais definidas, mas, após o sucesso da obra de Carolina, começam a ser promovidas ações um pouco mais sistemáticas de desfavelamento dentro da Prefeitura, buscando-se desenhar um programa que unia diversas secretarias, ainda que apoiado em ações e associações cristãs, demorando-se para a assistência social avançar para além das ações de caridade. Surge ainda um Movimento Universitário de Desfavelamento (MUD), que se somaria nesses esforços mais visíveis na década de 1960 (Paulino, 2007)³³.

Mas pelas notícias de jornal que pudemos recolher vemos que havia um mercado de compra e venda constituído naqueles núcleos desde pelo menos os anos 1950, não se tratando mais de ocupações espontâneas, e que os moradores das favelas, se na sua maioria parecem ser empregados em serviços subalternos e intermitentes, muitas vezes também eram operários com carteira assinada, sendo a favela considerada para estes uma moradia

Juventude e de Senhoras, que buscavam promover uma ação evangelizadora mas também de assistência social. (CEDIC PUCSP/ http://www4.pucsp.br/cedic/semui/colecoes/movimento_de_leigos.html).

³³ Iniciamos agora uma nova IC sobre o MUD (com a aluna Victoria Vellardi), com vistas a entender melhor como esse movimento se estabeleceu e quais suas ações na cidade de São Paulo.

transitória.³⁴ Se foi para este trabalhador registrado que políticas habitacionais começaram a ser implementadas – e os conjuntos dos IAPs estabelecem uma espécie de elite da classe trabalhadora (Bonduki, 1999) –, isso também contribui para marcar os setores populares em extratos com fisionomias próprias. Aos não especializados, aos sem emprego fixo, sujeitos aos trabalhos sazonais e pior remunerados, foram as favelas, e logo adiante os terrenos em loteamentos periféricos (Grostein, 1982)³⁵, que se tornaram a principal alternativa de moradia.

Resta assim continuar a pesquisa para localizar o modo como a favela se constrói como questão, para a imprensa, para o Estado, para os meios especializados e para a sociedade em geral, refletindo sobre o corte operado pela bibliografia no sentido de minimizar a questão da favela em São Paulo, deslizando-a ao tema das “periferias”, em oposição a uma cidade como o Rio, onde o tema está configurado já na década de 1920, consolidando-se como questão social para o Estado desde 1930.

A hipótese que anunciamos é que o surgimento de uma bibliografia de corte marxista em São Paulo a partir da década de 1970, que pode ser sintetizada na publicação de duas obras inaugurais, *São Paulo 1975, crescimento e pobreza*, resultado de uma pesquisa elaborada pelo Cebrap para a Cúria Metropolitana de São Paulo sobre a condição de vida dos trabalhadores, e *A produção capitalista (da casa) e da cidade no Brasil industrial*, organizada por Ermínia Maricato em 1979, e que de algum modo estabeleceu balizas interpretativas dali em diante (Arantes, 2009), acabaria por tornar opaca a história das primeiras favelas da cidade, jogando luz no que viria a ser chamado de “padrão periférico de crescimento”, apoiado nos loteamentos clandestinos e na autoconstrução³⁶. Aliado a isso, a imagem da metrópole industrial moderna da década de 1950, contraposta a um Rio de Janeiro

³⁴ O fato de as menções às favelas e aos favelados nos jornais serem em sua maioria referidas a crimes, brigas, ou a despejos, impede que se tenha uma compreensão efetiva de quem eram os habitantes. Ficamos apenas com as menções a suas profissões - dos sujeitos envolvidos em notícias particulares.

³⁵ A bibliografia é extensa, citamos aqui apenas uma tese pioneira no tema.

³⁶ “Padrão periférico de crescimento” foi uma expressão cunhada por Gabriel Bolaffi em seu texto “Habitação e urbanismo: o problema e o falso problema”, publicado em 1979 no livro organizado por Maricato. Ali, o autor o define como “o padrão descontínuo de expansão da mancha urbana, típico e facilmente perceptível nas grandes capitais do país”. Também demos início a orientação de um mestrado sobre a obra do Cebrap (Max Hering), que pretende investigar tal “corte”.

identificado às favelas desde pelo menos o início do século, também de algum modo parece ter contribuído para esse apagamento³⁷. Resta agora seguir a investigação.

Referências

- ABOY, Rosa (org.). Dossiê: Villas Miseria, Favelas y Asentamientos: nuevas rutas en Historia Urbana. **Revista Urbana**. V. 9 n. 1, jan./abr. 2017. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/issue/view/922>, bem como os trabalhos de ARANTES, Pedro Fiori. Em busca do urbano: Marxistas e a cidade nos anos de 1970. In: **Novos Estudos Cebrap**, n. 83, São Paulo: Cebrap, março de 2009.
- AZEVEDO, Aroldo, **Subúrbio de São Paulo (primeiros estudos)**. São Paulo: Sedes Sapientiae, 1943.
- BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan, **Branços e negros em São Paulo**. Ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana [1955]. São Paulo: Global, 2019.
- BONDUKI, Nabil, **Origens da habitação social no Brasil**. São Paulo, Liberdade, 1999.
- CASTRO, Ana Claudia Veiga de. **Um americano na metrópole latino-americana**. Richard Morse e a formação de São Paulo. São Paulo: Edusp, 2021.
- CESTARO, Lucas, **A atuação de Lebre e da SAGMACS no Brasil (1947-1964)**. Tese (doutorado), IAU USP, 2015.
- DANTAS, Audálio, “Retrato da favela no diário de Carolina”, **Revista Cruzeiro**, Edição 36, 20 de junho de 1959, pp. 92-97.
- FLOCK, Julia, **Memórias do apagamento: favelas em São Paulo (1940-1960)**, Relatório Final IC, FAUUSP, Fapesp, 2022.
- GODINHO, Marta Terezinha. **O Serviço Social nas favelas**. Trabalho de Conclusão de Curso em Assistência Social, Escola de Serviço Social, São Paulo, 1955.
- GONÇALVES, Rafael, **Favelas no Rio: história e direito**. Rio de Janeiro, Ed. PUC, 2016.
- GORELIK, Adrian, **La ciudad latinoamericana**. Buenos Aires, Siglo XXI, 2022.
- GROSTEIN, Marta, **A cidade clandestina: mitos e ritos**. Tese (Doutorado), FAUUSP, 1982.
- HALL, Peter, **Cidades do amanhã**. São Paulo, Perspectiva, 2002
- HAUSER, Philip Hauser (ed.), **Urbanización en la America Latina**. Paris: Unesco/ Cepal, 1962.
- LEBRET, Joseph-Louis. Sondagem preliminar a um estudo sobre a habitação em São Paulo, **Revista do Arquivo**, n. CXXXIX, Departamento de Cultura, São Paulo, 1951.
- LEME, Cristina, “A pesquisa pioneira de Lebre sobre as condições de habitação em São Paulo”, **Espaço&Debates**, v. 24, n.45, jan.-jul., 2004, p. 110-113.
- LOPES, Tiago da Costa Lopes, **Em busca da comunidade**. Ciências sociais, desenvolvimento rural e diplomacia cultural nas relações Brasil-EUA (1930-1950). Rio: Fiocruz, 2020.
- ONU, **Estado das Cidades da América Latina e Caribe**, 2012. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/08/21/segundo-a-onu-111-milhoes-de-pessoas-vivem-em-favelas-na-america-latina.htm?cmpid=copiaecola>). Acesso em fev.2024.
- PAULINO, Jorge, **O pensamento sobre a favela em São Paulo: uma história concisa das favelas paulistanas**. Tese (Doutorado), FAUUSP, 2007.
- SAMBRICIO, Carlos, **Vivienda y Ciudad en América Latina**. Madrid, Lampeave, 2012.

³⁷ A título de exemplo, veja-se a frase que abre a importante obra de Manuel Castells, *Imperialismo y urbanización en América Latina*, publicada em 1973: “Cuando se habla de urbanización en América Latina, ¿se está hablando de *los grandes rascacielos de Sao Paulo*, oprimiendo desde su perspectiva un universo de calles comerciales apretadas y vivientes o se habla de *las favelas que trepan los morros de Rio de Janeiro* en medio de tablas y laberintos con folklorismo colorido y sentimental?” (grifo meu). Os estereótipos se fixavam.

OLIVEIRA, Acauã, **Sobrevivendo no Inferno**. São Paulo: Cia das Letras, 2018.

OLIVEIRA, Isabela, **Donald Pierson no mapa das ciências sociais**. Tese (doutorado). FFLCH, USP, 2012.

OLIVEIRA, Samuel, **O movimento de favelas de Belo Horizonte (1959-1964)**. Rio de Janeiro, E-Papers, 2010.

PIERSON, Donald, Habitações de São Paulo: estudo comparativo, **Revista do Arquivo**, ano VII, v. LXXXI, Departamento de Cultura, São Paulo, 1942, pp. 199-238.

PONTUAL, Virginia, **Lebret na América Latina**. Um exitoso laboratório de experiências em planejamento humanista. Recife, Letra Capital, 2017.

SIMONSEN, Roberto. Conferência inaugural pelo Dr. Roberto Simonsen. **Revista do Arquivo**, ano VII, v. LXXXII, Departamento de Cultura, São Paulo, mar-abr. 1942, pp. 13-28.

TASCHNER, Suzana Pasternak, Favelas em São Paulo, censos, consensos e contra-sensos. **Cadernos Metrópole**, n. 5, 2001, pp. 9-27, p. 9.